

ÍNDICE

Prefácio.....	11
<i>Fernando Dacosta</i>	
Agradecimento a Marcelo Rebelo de Sousa	13
<i>Nova Águia</i> nº 24.....	14
Portugal, um país que não honra a sua história.....	15
Orlando Vitorino: “Entre o pensamento português e o pensamento alemão, entre Leonardo e Heidegger”	16
Agostinho da Silva:	
O “último discípulo de Leonardo Coimbra”	20
Entre Miguel Torga e Agostinho da Silva: afinidades (in)suspeitas	22
Espiritualidade de Agostinho da Silva.....	26
VI Congresso da Cidadania Lusófona	27
Uma (má) memória de José Mário Branco (1942-2019)	28
Em abono do espírito liberal da filosofia portuguesa: de Pinharanda Gomes, sobre José de Arriaga	29
Do pensamento estético de Orlando Vitorino	31
Da luz sem sombra à sombra da luz: Entre a Grécia e a Ibéria, entre Sophia de Mello Breyner, Teixeira de Pascoaes e José Marinho.....	33
Carta a Joacine Katar Moreira.....	36
Carta a António Costa	37
Um presente (ainda de Natal)	38
Doze votos lusófonos para 2020.....	39

Celebração da Epifania.....	40
Bragança e o fantasmático racismo português.....	41
Do “bom” vandalismo.....	43
Um outro olhar sobre Angola.....	44
Fernão de Magalhães em Brasília.....	45
Do propalado “marxismo cultural”.....	46
O quixotismo metafísico de Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes.....	47
Ângelo Alves e a corrente idealístico-gnóstica do pensamento português contemporâneo.....	51
Álvaro Ribeiro, discípulo da <i>Escola do Porto</i>	56
<i>Nova Águia</i> nº 25.....	62
O (trans)nacionalismo místico na poética da revista <i>Nova Águia</i>	63
Perplexidades pandémicas	77
O racismo: Dos EUA a Portugal	83
Bora lá derrubar (ainda) mais umas estátuas?.....	84
Padre António Vieira: a vacina que faltava?	85
Luso-tropicalismo e lusofonia.....	86
Sobre a situação na província moçambicana de Cabo Delgado	90
Sem desculpas, mas também sem falsos culpados	91
Uma polémica de Verão	91
Quem será a próxima vítima?	92
Agostinho da Silva e a experiência do CEAO: Centro de Estudos Afro-Orientais. Na redescoberta das raízes africanas do Brasil.....	94
Pascoaes, poeta metafísico da natureza	101
Carta aos amigos de António Telmo.....	102
<i>Nova Águia</i> nº 26.....	104
Da castração mental dos portugueses	105
O racismo: do metafórico ao literal	108
Homenagem lusófona a Gonçalo Ribeiro Telles	109
Eduardo Lourenço como mito cultural	110
Nos 100 anos da <i>teoria do nacionalismo galego</i> , de Vicente Risco	112
João pela vida dentro.....	115
Lusalém V.....	117
O interregno global (e da lusofonia).....	118

Declaração (pessoal) de apoio a Marcelo Rebelo de Sousa	119
Do snobismo político ao desprezo em relação aos nossos emigrantes	120
Ainda não destruíram o Padrão dos Descobrimentos?!	121
Nostalgia pelos anos oitenta?	122
Carta aberta ao Presidente de Moçambique.....	123
O excentrismo filosófico-político de Raul Leal	125
Presença de Paulo Ferreira da Cunha na <i>Nova Águia</i>	128
<i>Nova Águia</i> nº 27	131
António Telmo, uma década depois	133
Não foi bonita a festa, pá... ..	137
A lusofonia não precisa de ser salva – apenas de ser <i>desadiada</i>	138
Paradoxos da democracia no século XXI.....	141
A filosofia enquanto viagem, segundo José Marinho.....	142
Do saudosismo ao sebastianismo.....	147
XIII Conferência de Chefes de Estado e de Governo da CPLP – um novo impulso.....	152
Otelo em perspectiva histórica	153
Recordando Spínola.....	154
Percursos com sentido.....	155
Vieira nos dias de hoje: Agostinho da Silva, Manuel Antunes e Manuel Ferreira Patrício.....	156
Portugal como Filiária?	166
Verão no Afeganistão	167
Da pandemia à poligamia – e as outras, senhores?	168
<i>Nova Águia</i> nº 28.....	169
António Braz Teixeira, nos seus oitenta e cinco anos de vida.....	170
Camilo Pessanha e Venceslau de Moraes: dois portugueses orientais	172
Vilém Flusser e Clarice Lispector: as potencialidades filosófico-literárias da língua portuguesa	173
Um jogo de espelhos: Antero de Quental, visto por José Marinho.....	180
Sete propostas para o reforço da CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa	184
Perspectivas lusófonas para 2022.....	186

PREFÁCIO

Nome de referência no panorama cultural português, Renato Epifânio reflecte como poucos a nossa condição de ser, ontem e hoje, à luz, sobretudo, da história e da filosofia.

Para ganharmos futuro necessitamos de conhecer o que dele houve no passado, sem o que pouco vale architectar outras existências.

Corajoso, lúcido, o autor – que não aceita pensamentos únicos nem discriminações por divergência – afirmou-se através do ensino, da investigação, da comunicação e do associativismo, dilatando, pelo seu conhecimento, discrição, disponibilidade e afectuosidade, uma maneira de afirmar-se português.

Muito bem escrito, este livro assume, atravessado de reflectores irónicos, deformações da política, da intelectualidade, do provincianismo que, há séculos, não nos largam.

Pensar próprio, dizer certo e agir oportuno são características de Renato Epifânio, sempre distante de ribaltas massificadoras.

A memória, a língua e o desnivelamento social são-lhe campos de pesquisa, sedimentados a partir de manhas, fomes, ousadias, delírios, trapaças, esclavagismos e autoritarismos seculares.

Em entre linhas, entre aberturas de reflexão, ele rompe estereótipos dos bem-pensantes, caso da democraticidade de oportunidades para todos, da ‘desmanipulação’ informativa, da ‘exemplar descolonização’ – amputadora de milhares de portugueses expulsos de África.

“Permitiram-se (para dizer o mínimo) regimes de partido único em todos os países descolonizados. A partir daí deu-se o inevitável: a apropriação estatal dos meios de produção pelas elites dirigentes”, escreve com irrecusável desassombro.



A lusofonia, mal ensaiada, não travou esbulhos, corrupções, violências; não criou, por exemplo, uma universidade própria, um passaporte comum, uma plataforma de Direitos Humanos, um intercâmbio cultural, político e económico digno, como, entre outros, advogavam Agostinho da Silva e José Aparecido de Oliveira.

Vendo longe, para lá da CPLP, ambos preconizavam, aliás, a formação de um poderoso bloco de países de línguas portuguesa e espanhola, uma espécie de CPLI – Comunidade de Povos de Línguas Ibéricas.

Pela riqueza dos seus recursos naturais, pela juventude (fora da Europa) das suas populações, pela sua geografia intercontinental, pela diversidade dos seus habitantes, essa comunidade angularia – após a implosão do império soviético, da anemia do norte-americano e da emergência do asiático – uma nova ordem mundial.

Não é um livro de contentamentos, este, mas também não o é de aflições. É uma reflexão à volta do que fomos e somos, e podemos ser, povo a fugir, melancólico, apático do futuro – de si próprio.

FERNANDO DACOSTA



*

ESPIRITUALIDADE DE AGOSTINHO DA SILVA

Houve sempre uma dimensão espiritual no pensamento de Agostinho da Silva (Porto, 1906-Lisboa, 1994), o que desde logo justifica o seu não completo alinhamento com o movimento (tendencialmente mais materialista) da *Seara Nova*, onde Agostinho da Silva começou a emergir, nos anos 30, como uma das figuras axiais da cultura portuguesa do século XX, após a sua formação na Faculdade de Letras do Porto, fundada por Leonardo Coimbra. Já na década de quarenta, os dois opúsculos *O Cristianismo* (1942) e *Doutrina Cristã* (1943) confirmam essa dimensão mais espiritual do seu pensamento, que, partindo do cristianismo, sempre procurou estabelecer pontes com outras formas de espiritualidade, nomeadamente orientais – por mais que, por exemplo, em relação ao budismo, o tivesse definido, nessa altura, como “uma religião de pessimistas e de cépticos” (*O Budismo*, 1940).

Foi, contudo, no Brasil, para onde partiu em meados da década de quarenta – e onde se fixou até ao final da década de sessenta –, que Agostinho da Silva plenamente expressou essa dimensão mais espiritual do seu pensamento, em articulação com a sua “ideia de Portugal” – não enquanto país mas, mais precisamente, enquanto “ideia a difundir pelo mundo”, bem patente em duas obras publicadas na década de cinquenta – *Reflexão à margem da literatura portuguesa* (1957) e *Um Fernando Pessoa* (1959), onde escreveu: “É um Portugal que não tem seu centro em parte alguma e cuja periferia será marcada pela expansão de sua língua e da sua cultura de *Pax in excelsis* que ela levar consigo (...): [é] o Portugal da Hora, o Portugal de Bandarra, de Vieira e da *Mensagem*”.

Retomando e desenvolvendo o ideal de Quinto Império de Vieira e Pessoa, Agostinho da Silva vai assim propor a Pátria de Língua Portuguesa como uma “pátria ecuménica” (*Presença de Portugal*, 1962), em que pudessem conviver harmoniosamente todas as formas de espiritualidade – por mais que, por esses tempos, Agostinho da Silva visse mais no Brasil e não tanto em Portugal o potencial para a concretização desse ideal – como chegou a escrever, ainda na sua *Reflexão à margem da literatura portuguesa*: “...que tome o Brasil inteiramente sobre si, como parte de seu destino histórico, a tarefa de, guardando o que Portugal teve de melhor e não pôde plenamente realizar e juntando-lhe todos os outros elementos universais que entraram em sua grande síntese, oferecer ao mundo um modelo de vida em que se entrelaçam numa perfeita



alegadamente, “leva os olhos ao fundo do abismo e arranca a profundidade à luz da superfície” (*ibid.*, p. 496). E por isso caracteriza ainda Leonardo a Dor como uma “grande experiência” (*ibid.*, p. 497), como uma “cós mica experiência insubstituível” (*ibid.*, p. 498), ao mesmo tempo que nos assegura que é “para além dos areais da Dor” que podemos encontrar “Deus” (*ibid.*, p. 496). É ainda, aliás, por isso, precisamente, que Leonardo tanto valoriza o cristianismo – por este ser, nas suas palavras, “a grande religião da dor” (*ibid.*, p. 495). Todo o cristianismo é, de resto, ainda nas suas palavras, um “ensinamento da Dor” (*ibid.*, p. 497) – não tivesse sido Jesus aquele que “sondou a Dor até àquele ponto onde ela se transfigura em imortal Alegria” (*ibid.*, p. 496). Daí, enfim, toda a sua diferença relativamente ao paganismo – ainda nas palavras do autor d’ *A Alegria, a Dor e a Graça*: “Se o paganismo vibra de infantil Alegria naturalista, o cristianismo é a Alegria reconquistada, o sol depois da tempestade, a dignidade e certeza da vida, de olhos abertos e atentos na face da morte.” (*ibid.*, p. 495). Eis, segundo Leonardo, a subtil, a abissal diferença que Nietzsche não terá apreendido⁵⁷.

*

ÂNGELO ALVES E A CORRENTE IDEALÍSTICO-GNÓSTICA DO PENSAMENTO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO⁵⁸

Na sua obra *A corrente idealístico-gnóstica do pensamento português contemporâneo* (Gaia, Estratégias Criativas, 2010), Ângelo Alves assinala “os três momentos altos desta corrente” – a saber: o “Movimento da Renascença Portuguesa”, o “Movimento da ‘Filosofia Portuguesa’” e o “MIL: Movimento Internacional Lusófono e a ‘Nova Águia’”. Quanto ao primeiro momento (o “Movimento da Renascença Portuguesa”), Ângelo Alves começa por referir

⁵⁷ Daí, de resto, a razão maior pela qual, tendo sido Leonardo um “conhecedor profundo das coordenadas do pensamento de Nietzsche”, dele se afastou – como escreveu ainda Américo Enes Monteiro a este respeito: “Aos poucos Leonardo Coimbra vai-se afastando cada vez mais de Nietzsche na sua interpretação do Cristianismo, visto por este como religião da dor que inferioriza, *versus* Paganismo, a religião da alegria e consequentemente da superioridade. Leonardo, embora admitindo ser o Cristianismo a religião da dor, não considera esta como inferiorizante (...)” [*A Recepção da Obra de Friedrich Nietzsche na Vida Intelectual Portuguesa (1892-1939)*, Porto, Lello, 2000, pp. 138 e 144, respectivamente].

⁵⁸ In Colóquio Ângelo Alves: Obra e Pensamento (Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto, 2 de Março de 2020).

